



**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS DE BARBACENA -
FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ALEXANDRA MARIA DA SILVA
MARIA DA CONCEIÇÃO FAJARDO MONTEIRO**

**ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE LUTO REFERENTE À PERDA DO CÔNJUGE
NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

**BARBACENA
2013**

**ALEXANDRA MARIA DA SILVA
MARIA DA CONCEIÇÃO FAJARDO MONTEIRO**

**ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE LUTO REFERENTE À PERDA DO CÔNJUGE
NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Psicologia da
Universidade Presidente Antônio Carlos –
UNIPAC, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof.^a Me. Ângela Buciano
do Rosário

**BARBACENA
2013**

**Alexandra Maria Da Silva
Maria Da Conceição Fajardo Monteiro**

**ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE LUTO REFERENTE À PERDA DO CÔNJUGE
NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora. Me. Ângela Buciano do Rosário
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof.^a Esp. Patrícia Dias de Castro
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof. Me. Rodrigo Tôrres de Oliveira
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Dedico este trabalho ao meu pai Manuel, sempre presente em minha vida, pelos valores a mim ensinados e por ter cultivado em mim o desejo de aprender. À minha mãe Ana Maria, pela presença constante em minha vida e pelas orações. Aos meus irmãos e minhas irmãs, pelo companheirismo e apoio. Às minhas lindas sobrinhas: Gabriela, Izabella e Manuela, pelas presenças radiantes e alegrias incontáveis! Ao meu Amor, que soube entender meus momentos de ansiedade e pela presença carinhosa! À Sãozinha minha amiga, minha irmã de coração, que dividiu comigo momentos alegres e tensos e que tornou possível a realização deste trabalho.

Dedico este trabalho a Francisco, João Vitor, Luís Otávio, os amores da minha vida. Sem vocês, nada seria possível e nem teria sentido! À minha irmã de coração, Alexandra, que tanto me apoiou na realização deste trabalho.

Agradecimentos

Sabemos que o ser humano tem uma forte tendência em pedir mais do que agradecer, reclamar mais pelos fracassos do que bendizer as vitórias, lamentar mais pela falta do que se alegrar com o que possui. Portanto, o forte do ser humano não é a gratidão, mas estamos aqui para exercitarmos essa qualidade, pois sabemos que ela é uma das mais belas virtudes humana.

Ao longo desses cinco anos, foram tantos obstáculos que não poderíamos deixar de agradecer o carinho de amigos, professores, companheiros e funcionários dessa instituição, com que tivemos o prazer de dividir saudosos momentos da graduação. Gostaríamos de citar aqui o nome de cada pessoa que foi tão importante, mas isso se torna inviável, porque são muitos.

Assim sendo, primeiramente agradecemos a Deus, diante das inúmeras bênçãos que Dele recebemos a cada dia, desde a grande graça da vida até as incontáveis manifestações de seu amor por nós. Por ter nos conduzido com Sua mão amorosa, não permitindo que desistíssemos da caminhada do dia a dia.

À Nossa Senhora, pelas inúmeras bênçãos. A todos os santos e anjos, pela proteção em todos os momentos de nossa vida.

Agradecemos aos nossos pais pelo dom da vida.

Aos nossos irmãos pelo apoio e companheirismo.

À profa. Ângela, que não mediu esforços para a conclusão deste trabalho, pela confiança em nós depositada, ética em sua conduta, competência, excelência em ensinar e pela amizade.

À profa. Patrícia, que partilhou nossas lágrimas e sorrisos nesse processo, direcionando-nos sempre para as possíveis possibilidades, pela oportunidade de aprender com humanização e amizade.

Ao prof. Rodrigo, educador e psicanalista, que nos suscitou o desejo pela psicanálise. Pelas aulas ministradas, que muito contribuíram para a elaboração deste trabalho, além de enriquecer nosso crescimento acadêmico.

“Partir! Nunca voltarei. Nunca voltarei porque nunca se volta. O lugar a que se volta é outro. A gare a que se volta é outra. Já não está a mesma gente, nem a mesma luz, nem a mesma filosofia. Partir, meu Deus, partir! Tenho medo de partir!”

Fernando Pessoa

Resumo

O presente trabalho busca aprofundar o estudo do processo de luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade, bem como os destinos da libido relativos a essa perda. Para tanto, foi realizado um percurso que envolve a passagem da modernidade e as mudanças culturais que abrangem as relações amorosas, o conceito de objeto em psicanálise, além do conceito de luto para essa teoria. O processo de luto foi abordado na perspectiva psicanalítica e são levadas em consideração, nos desfechos possíveis para esse processo, as características da pós-modernidade.

Palavras-chave: Libido. Luto. Pós-modernidade. Psicanálise.

Abstract

This work seeks to deepen the study of mourning process refers to lost of the spouse in contemporary as well as the destinations libido relative to this loss. For this, was conducted a route which involves the passage of modernity and cultural changes covering romantic relationships, the concept of object in psychoanalysis, beyond the concept of mourning for this theory. The account mourning process was boarded in psychoanalytic perspective and are taken into account, on possible outcomes for this process, the characters of postmodernity.

Keywords: Libido. Mourning. Postmodernity. Psychoanalysis.

Sumário

1	Introdução	17
2	Processos de luto e mudanças culturais	21
2.1	Modernidade e pós-modernidade	23
3	Discursos sobre o amor	29
3.1	O amor romântico	29
4	Processo de luto e psicanálise	33
4.1	Conceito de objeto para a psicanálise	33
4.2	Luto, melancolia e a perda do objeto	37
4.3	Possíveis destinos do luto	41
5	Considerações finais	43
	Referências	45

1 Introdução

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de se aprofundar os estudos sobre o processo de luto diante da perda do cônjuge na contemporaneidade e, principalmente, o que diz respeito aos destinos da libido. Também com a intenção de promover uma discussão sobre o tema citado, com a finalidade de esclarecer conceitos sobre luto, bem como discutir a importância de se entender e acompanhar esse processo.

O interesse em investigar o processo de luto diante da perda do cônjuge na contemporaneidade surgiu de observações em atendimentos clínicos durante o período de estágio, bem como em acompanhamento ao sofrimento de pessoas amigas que passaram por esse processo.

Para a iniciação do estudo, necessária se faz uma breve análise histórica sobre o assunto, pois sabemos que sua apropriação sofre alterações de acordo com a cultura e o momento histórico. Assim, serão apresentadas características da modernidade e contemporaneidade e os possíveis efeitos que incidem no sujeito que vivencia o luto referente à perda do cônjuge.

Apresentamos ainda conceitos de luto e de objeto para a psicanálise freudiana, com o intuito de investigar quais os possíveis destinos da libido no sujeito enlutado devido à perda do cônjuge na contemporaneidade.

Dessa forma, com base no conceito de objeto, foi possível pensarmos sobre as escolhas objetais e ainda, entendendo que essas escolhas são feitas de maneira inconsciente, buscamos na teoria freudiana como elas se apresentam. Assim, tornou-se possível entender que, embora façamos nossas escolhas objetais, buscando no outro o objeto perdido, a ilusão da completude, nós verdadeiramente nunca a teremos, pois se trata do objeto perdido que, embora Freud se refira a ele como perdido, nós na realidade nunca o tivemos.

Assim sendo, a escolha de um objeto de amor nada mais é do que investimentos libidinais que o sujeito faz, o que lhe proporciona períodos de satisfação. Dessa forma, quando um sujeito perde o seu objeto de amor, tem-se início o processo de luto, que somente terá fim quando a libido do sujeito for libertada desse objeto de amor perdido, uma vez que essa perda pode gerar uma tensão caracterizada pela ausência. Embora o objeto não mais esteja presente na vida do sujeito, ele o está no psiquismo. Portanto, quando o objeto perdido se torna

desprezível e dispensável aos olhos do sujeito, fica mais fácil a elaboração do luto e a desinibição do ego, podendo o sujeito, a partir de então, fazer novos investimentos, ou seja, novas escolhas objetais.

Para tanto, serão apresentados alguns rituais e simbolismos em torno do tema da perda do objeto de amor. Entendemos, com a psicanálise, que a perda do amor conjugal refere-se à perda do objeto. Assim, perda e morte estão diretamente relacionadas. Um exemplo são os rituais que caracterizam uma proteção no conflito que se instala no momento de perda, entre vida e morte. A realização desses rituais, de acordo com a cultura que o sujeito está inserido, pode ter como efeito o consolo pela perda, associado à sensação de estar prestando seus últimos cuidados ao ente querido.

Da mesma maneira, ainda com relação ao luto pela morte, localizamos alguns dos simbolismos como o uso de vestimentas da cor preta que caracteriza a fase de luto em nossa sociedade, tornando visível, ao olhar do outro, o reconhecimento da perda. Outro ritual presente é o ato religioso da tradição católica, evidenciado pela missa de corpo presente e a de sétimo dia.

Assim, percebe-se que existem maneiras diferentes, de acordo com a cultura, religião, crenças e valores. Cada um expressa seus sentimentos de formas diferentes, durante essa fase de luto.

Com relação ao luto referente à perda do cônjuge, a psicanálise nos ajudará a refletir quais os destinos da libido a partir de tal perda, considerando os efeitos subjetivos das características da contemporaneidade.

Iniciaremos esse estudo apontando como acontecem os processos de luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade, bem como as mudanças culturais acerca da modernidade e pós-modernidade. Citando como essas mudanças podem interferir nos processos de luto.

A seguir apresentaremos uma discussão sobre o amor, bem como sobre o amor romântico, entendendo que na atualidade se fazem presentes, além do amor romântico, o amor-paixão, o amor sexual e o amor líquido, este último, designo atribuído por Bauman (2004) para se referir às formas de amor contemporâneo, vinculadas às relações de consumo.

O último capítulo se destina à apresentação dos processos de luto e psicanálise abordando os conceitos de objeto e de escolhas objetais para essa teoria, além de discorrermos sobre os possíveis destinos da libido do sujeito que

perde seu objeto de amor na contemporaneidade.

2 Processos de luto e mudanças culturais

No estudo do processo de luto referente à perda do cônjuge, percebe-se que esse é relativamente recente na área psicológica e de saúde. Ao pensar que, numa época muito distante, as pessoas enterravam os mortos em posição fetal e com objetos de uso pessoal, mais flores e alimentos e, nos dias de hoje, contemplarmos um processo de cremação, é pensar em mudanças sociais, típicas de cada época, como também mudanças das e nas relações pessoais, no âmbito afetivo.

Visto tamanhas mudanças, percebe-se que a questão da morte passou de um campo da tradição e dos costumes e entrou no campo do saber científico, da dedicação e cuidado à saúde. Rangel (2008) afirma que, com o advento da visão de Freud, o luto saiu do domínio religioso e passou para o âmbito acadêmico. Por muito tempo, parece que a morte e o processo de luto ficaram cobertos, velados, à parte do recinto social e cultural. Com o passar do tempo, mudanças externas e internas foram acontecendo e esses aspectos ocuparam outro lugar na vida do sujeito, tomando outra conotação.

Diante dessas mudanças, houve uma alteração na percepção de um cuidado maior com a saúde física e mental do sujeito que perdia um ente querido. Esse indivíduo fragilizado, ao perder seu objeto de amor, é merecedor de um olhar diferenciado. Um olhar atento a um sujeito portador, no momento de perda, dos mais diversos sentimentos como: tristeza profunda, raiva, culpa e autocensura, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, estado de choque, anseio, entre outros.

Nesse momento da perda, em que o sujeito parece perder a capacidade de amar, entra o processo de luto que permite a busca de um novo endereço para o desejo. Vale considerar que o processo de luto se trata de um processo individual, pois quanto maior for o investimento libidinal do sujeito ao objeto de amor perdido, maior será o impacto e sofrimentos que virão dessa ruptura.

Qualquer perda significativa remete ao processo de luto, o qual pode ser considerado como um mecanismo valioso que respeita o tempo de cada um, a forma de sentir a perda, sem negligenciar a dor, mas apontando novas possibilidades. Trata-se de um processo essencial na vida de todos que perderam seu objeto de amor e mesmo que o sujeito sinta-se muito fragilizado, achando-se incapaz, é preciso atravessar esse caminho, respeitando-se, pois é a única maneira de torná-lo

ameno, segundo os ensinamentos de Freud: “[...] quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido”. (FREUD, 2006, p. 251).

Em todos os tempos e para todos os povos, a morte se apresenta ameaçadora, um fator influenciador na qualidade de vida das pessoas e que, conseqüentemente, altera o comportamento das mesmas. Durante certo tempo, o processo de luto se caracterizava por ritos, tradições, de acordo com a cultura do sujeito.

Na tradição católica, por exemplo, durante sete dias após a morte do ente querido, muitas atividades rotineiras não poderiam ser exercidas, o vestuário era discreto, de cor preta, cor que representava toda a escuridão, vazio e tristeza do momento. Após um determinado tempo, o vestuário preto era trocado por outra cor, porém discreta e um lenço preto afixado na parte superior da roupa. Músicas em tom alto e falas extravagantes eram trocadas por choro e lamentações. As casas eram mantidas fechadas e com uma iluminação mais branda. Todo esse quadro descrito remete a sentimentos que deveriam ser cultivados, alimentados a todo custo.

Ainda de acordo com a tradição católica, mesmo com os casamentos arranjados, o sacramento do matrimônio era tido como eterno, embora a única via para esse sacramento ser realizado mais de uma vez seja a viuvez, muitos viúvos não tinham mais expectativa de ter outro companheiro.

A perda do objeto não diz respeito somente à morte. A separação do casal também prediz um processo de luto referente a uma perda. No momento em que acontece a separação de um casal, diferentes e intensas emoções afetam os cônjuges. Levy e Gomes, (2011, p. 2)¹ afirmam que:

[...] alguns dos sujeitos buscam desesperadamente manter o modelo fusional presente nas etapas da vida em cada relação amorosa que estabelecem e ficam incapacitados de fazer um trabalho de luto após seu rompimento. Quando isto ocorre, assevera o autor, vivem a dor de uma ferida narcísica e colocam em questão sua capacidade de ser amado, duvidando de seu próprio valor. O ressentimento e o ódio pela perda das ilusões depositadas no casamento ou no parceiro provocam um desejo de aniquilar o outro (LEVY E GOMES, 2011, p. 2).

Para um melhor entendimento e compreensão desse processo de luto frente à perda do objeto de amor, buscamos nas contribuições teóricas de Freud (2006), principalmente em *Luto e Melancolia*, a compreensão acerca do destino da libido

¹ http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&Ing=pt&nrm=iso

em face de tal ruptura. Nesse texto, Freud assevera que é necessário um tempo para a elaboração do luto até que o ego se encontre livre novamente e desinibido para outros investimentos libidinais.

Visto que a incidência cultural contribui para diferentes modos de vivenciar o processo de luto, abordaremos, a seguir, características da modernidade e pós-modernidade, para melhor entendimento de como os sujeitos lidam com a perda do objeto nos dias atuais.

2.1 Modernidade e pós-modernidade²

Segundo Bauman (1999, p. 29), “a modernidade é caracterizada por um conjunto de ideias e perspectivas que constituem um grande sonho que a humanidade elaborou para si mesma ou ainda um audacioso projeto da razão como libertadora”.

Chevitarese (2001, p.4) demonstra a discussão na atualidade sobre o projeto da modernidade assim:

Embora o termo “moderno” tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas chama de projeto da modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas

‘Para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas.’ A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária (CHEVITARESE, 2001, p. 4).

A perspectiva desse domínio científico vislumbrava a segurança de uma sociedade democrática que nos livraria dos infortúnios naturais que consistem desde as condições de relevo à doenças físicas e mentais, a natureza, assim, submetendo-se ao poder da razão humana. Com isso, aconteceu uma demasiada valorização do conhecimento científico e objetivo, desvalorizando as esferas estético-expressiva e a religiosa- moral nas palavras de Chevitarese (2001). Iniciam-se assim, críticas à modernidade, pretensões de desmascarar a

² Optamos por utilizar o designo pós-modernidade embora saibamos que não existe consenso sobre a utilização desse termo. São diversas as terminologias utilizadas para caracterizar o momento atual como: hipermodernidade (Lipovetsky e Aubert), modernidade tardia (Giddens), modernidade líquida (Bauman), capitalismo tardio (Jamenson). No entanto, não é do interesse deste trabalho investigar as diferentes nomeações para a contemporaneidade.

legitimidade da ciência.

Para Bauman (1999):

A dúvida que problematiza o conhecimento e que se torna mais evidente na condição pós-moderna é aquela que “desafia o direito de a ciência validar e invalidar, legitimar e deslegitimar – em suma, de traçar a linha divisória entre conhecimento e ignorância (BAUMAN, 1999, p. 257).

Ao citar a ciência, conhecimento e ignorância, estamos falando do próprio processo de luto, visto que esse se encontra relacionado com essas ideias, ou seja, o processo de luto passa a integrar, na pós-modernidade, o modelo médico-científico. Ao integrar esse domínio da ciência, a dor psíquica, referente à perda de um objeto de amor, torna-se insuportável na atualidade, sendo, muitas vezes, “tratada” via prescrição de fármacos. Segundo Chevitarese (2001, p.11): “a pós-modernidade é caracterizada como uma reação da cultura ao modo como se desenvolveram historicamente os ideais da modernidade, associada à perda de otimismo e confiança no potencial universal do projeto moderno”

Assim, Bauman (1999) indica:

A pós-modernidade é a modernidade que atinge a maioria, a modernidade olhando-se a distância e não de dentro, fazendo um inventário completo de ganhos e perdas, psicanalizando-se, descobrindo as intenções que jamais explicitara, descobrindo que elas são mutuamente incongruentes e se cancelam. A pós-modernidade é a modernidade chegando a um acordo com a sua própria impossibilidade, uma modernidade que se automonitora, que conscientemente descarta o que outrora fazia inconscientemente (BAUMAN, 1999, p. 288).

Assim, o autor deixa claro que a pós-modernidade é a condição atual da modernidade.

Pensar no tempo da modernidade e pós-modernidade é considerar muitas dessas mudanças. Refletir sobre esses aspectos é marcar algumas diferenças existentes no sujeito da modernidade com o da pós-modernidade.

Na modernidade, o sujeito era visto como um ser que faz uso da razão, racional portador de uma identidade fixa. Isso quer dizer que, com a máxima valorização da razão, o sujeito deixa um estado de ignorância, ou seja, das amarradas promovidas pelas crenças e religião da época medieval. Trata-se, segundo Harvey (2011), de um projeto coletivo de emancipação pela razão. O desenvolvimento de modos racionais de pensamento, ainda segundo o autor,

“prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder e do lado sombrio da nossa própria natureza humana”. (HARVEY, 2011, p. 23).

Vieira (2009) relata sobre os mal-estares que afligem a vida dos sujeitos modernos e pós-modernos. A modernidade contemplava uma busca pela segurança mesmo trazendo um sacrifício da liberdade individual, enquanto na pós-modernidade o que reina é a liberdade individual. De acordo com o autor, essa liberdade deve ser alcançada pelo esforço individual, tornando-se referência das normas supra-individuais e a base pela qual todos os outros valores são avaliados. Logo, trocamos a monotonia pela insegurança: “se obscuros e monótonos dias assombravam os que procuravam segurança, noites insones são a desgraça dos livres”. (BAUMAN, 1997, p. 10).

Esses sujeitos apresentados por Bauman são os mesmos que, ao perder o ente querido, buscam nos especialistas psicólogos e psiquiatras uma saída rápida para esquecer acontecimentos e perdas.

Entendemos, a partir da concepção de pós-modernidade, que há uma exigência constante de adaptação, de substituição, em que os objetos são facilmente substituídos após o uso, inclusive o objeto amoroso, culminando em compromissos superficiais sem obrigações de longo prazo, conforme Bauman, (1998) nas palavras de Vieira (2009) afirma:

O sujeito pós-moderno é um acumulador de sensações. Se o lugar está rotineiro ou sem surpresas, ele parte para outras aventuras que prometem mais excitação. Para tanto, as relações com as pessoas tornam-se superficiais, além de haver uma falta de envolvimento com obrigações de longo prazo. A fuga da prisão que os laços duradouros representam para os sujeitos pós-modernos faz com que nunca se sintam em casa, sempre se sentem deslocados e fora do lugar (BAUMAN (1998) *apud* VIEIRA, 2009, p. 24).

Birman (2001), psicanalista que estuda as modificações da subjetividade na passagem da modernidade para pós-modernidade, traz importante contribuição para o tema. Segundo ele, a modernidade pontua esquemas no sentido revolucionário, quando o sujeito acredita que poderia reinventar a si mesmo e a ordem social, criando, assim, ideologias revolucionárias. Esse estado do sujeito decorreu em sensações de desamparo na pós-modernidade, assim como aponta o autor:

Pode-se desprender que o fim das utopias, que construíram e fundaram o Imaginário da modernidade, teve como efeito uma nova concepção do sujeito centrado na presença e pontualidade do tempo, no aqui e agora, em que as instâncias do passado e do futuro se silenciaram relativamente. As ideias de intimidade e interioridade tendem ao silêncio no universo do espetacular. Em consequência é o eu que está em questão o tempo todo, alargado e exaltado em suas fronteiras até o espaço sideral (BIRMAN, 2001, p. 246).

Assim, o autor supracitado pontua o excesso de autocentramento do sujeito, o valor dado ao exterior, alargando o “eu” com excesso de cuidado, para ser olhado e admirado pelo outro. Visto que, o outro também é o sujeito com o “eu” alargado, ele tem dificuldade em ver e admirar, pois também está voltado para si. Sendo assim, surge uma espécie de individualismo exacerbado, característico da pós-modernidade, que culmina na fragilização dos relacionamentos amorosos e sociais. Priorizando o outro como uma presa, no sentido de predação, somente para o gozo, secundarizando o afeto. Outro fator apontado pelo autor é a dificuldade com a diversidade no convívio com a diferença em relação ao outro.

Com relação ao individualismo apontado por Birman, buscamos as contribuições de Lipovetsky (1983), que nos lembra que a primeira revolução individualista aconteceu com a chegada da modernidade e que o individualismo na pós-modernidade é a segunda revolução individualista, consumindo, minando os valores da modernidade.

O autor acrescenta também que vem da modernidade a invenção do sujeito autônomo, livre, porém com estruturas rígidas, costumes mais autoritários. Na pós-modernidade esse ideal de sujeito autônomo é realizado pela influência do psicologismo, da mídia, do consumo de massa. Lipovetsky (1983) menciona o individualismo na pós-modernidade da seguinte maneira:

Um novo modo de a sociedade se organizar e se orientar, novo modo de gerir os comportamentos, já não através da tirania dos pormenores, mas com o mínimo possível de coerção e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão (LIPOVETSKY, 1983, p. 8).

Na sociedade pós-moderna, o sujeito tende a viver o momento presente com o máximo de opções de escolha possíveis. Devido ao acesso à mídia, cujas informações deixam de ser privilégio de especialistas, o sujeito busca mais pelo seu

bem estar, voltando-se mais para si mesmo e, com isso, tomando as rédeas de sua própria vida, responsabilizando-se por ela. No entanto, vale ponderar que a mídia nem sempre colabora para essa “tomada de rédeas”, pois, embora os acessos às informações se deem de maneira direta, sem a interferência de um profissional, a mídia também pode ser responsável por uma significativa alienação do sujeito.

Diante do exposto, percebem-se mudanças efetivas na modernidade e pós-modernidade em relação ao processo de luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade. Discutiremos a seguir alguns discursos sobre o amor, a fim de refletir suas diversas formas de apropriação e, conseqüentemente, sua incidência sobre os sujeitos, sobretudo aqueles que perdem seu objeto de amor.

3 Discursos sobre o amor

Amor é fogo que arde sem se ver
 é ferida que dói e não se sente....
 Luis Vaz de Camões

O amor cantado em versos e prosa, tão evidenciado pelos poetas e ao mesmo tempo “sonho de consumo” do sujeito que almeja construir relações amorosas. O amor que encanta, ilumina e faz a vida virar alegria e festa. O amor cantado com muita intensidade, pontuando que nada mais vale a pena na vida do sujeito, sem a presença de tal sentimento. De fato não é, porque a psicanálise não vai se preocupar com o amor romântico, mas com o amor e como ele é vivido pelo sujeito. Como surgiu, como acontece e o que fica na ausência desse sentimento que por um lado muito desejado, por outro tão temido. Desejado por acreditar que é o complemento, experiência que precisa ser vivida para atingir a plenitude. Temido ao pensar que, com o término desse amor, vem o sofrimento e a dor.

Esse capítulo abordará os diversos discursos sobre o amor, a fim de compreendermos esse sentimento que, desde tempos imemoriais, evocado por filósofos e artistas, teve sua acepção alterada, ou seja, a apropriação do que é o amor modifica-se no curso da história e cultura. Interessa-nos, portanto, compreender o sentido do amor, ainda que em um pequeno recorte que perpassa os séculos XIX e XX e se delimita nas sociedades ocidentais. Tal percurso se faz necessário para a compreensão dos efeitos da possível perda do objeto desse amor na contemporaneidade e o conseqüente destino da libido desses sujeitos.

3.1 O amor romântico

Como já citado anteriormente, o amor entre os casais formados por conveniência, por decisões familiares que visavam a interesses, até mesmo financeiro, era um amor tido como sentimento dispensável. Amor esse, conhecido como “amor burguês”, segundo Vieira (2009), fruto dos casamentos celebrados a partir desses contratos familiares, que além de interesses financeiros, vislumbravam também o prestígio social.

No final do século XVIII, dominando parte do XIX, na cultura ocidental, eis que surge o ideal do amor romântico. Chaves (2006) “refere-se a criação de um

ideal amoroso que valoriza os desejos, afetos, sonhos e a singularidade, com uma tentativa de retirar a influência de normas externas ao par amoroso”.

O amor romântico manifesta em casais em que se faz presente a livre escolha dos parceiros, escolha essa baseada no desejo sexual e na partilha do amor. A partir de então, o casamento adquire outra conotação, de contratos financeiros à encontro de almas. Depreende-se daí a vinculação do amor com a liberdade, estados desejáveis a despeito de convenções sociais (GIDDENS, 1993).

O relacionamento do casal sofreu alterações como a valorização da reciprocidade, intimidade, exclusividade e destaque no desejo sexual. O amor romântico traz também a ideia de variedade, experimentação, liberdade, ou seja, cada um é livre para sair do relacionamento se esse passa a ser fonte de dor e sofrimento. Assim, Chaves (2004) pontua:

O que se quer dizer com a ideia de experimentação para o ideal romântico é que se o amor acabava, se não havia coincidência de sentimentos, as pessoas estariam livres para procurar outra pessoa (CHAVES, 2004, p. 101).

De acordo com Vieira (2009), o romantismo foi nomeado de segunda revolução individualista, chegando a contrapor o iluminismo, apontando que os sujeitos poderiam ser distinguidos uns dos outros, sendo únicos e incomparáveis, de onde surge a ligação entre individualismo e amor romântico.

Segundo Giddens (1993), o amor romântico anuncia uma questão problema da vida amorosa e dos próprios sentimentos em relação ao outro. “Os parceiros românticos questionam: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são “profundos” o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (GIDDENS, 1993, p. 56). Percebe-se a vontade do sujeito em construir relações sólidas, vínculos duradouros, priorizando a relação conjugal. Tendo essa, um valor superior às relações sociais.

Diante dessa discussão, vale ressaltar a noção de amor-paixão que, de acordo com Chaves (2004), seria aquele que traça uma oposição com a razão e que dificulta a integração do sujeito na sociedade.

Segundo Bauman (2004), podemos entender, na atualidade, que as noções de amor que se encontram presentes são: o amor romântico, o amor-paixão, o amor sexual e o amor líquido.

Segundo Chaves (2006), o amor romântico refere-se à criação de um ideal amoroso que valoriza os desejos, afetos, sonhos e a singularidade, que se manifesta em casais em que se faz presente a livre escolha dos parceiros.

Como já citado, o amor-paixão, que de acordo com Chaves (2004), seria aquele que traça uma oposição com a razão e que dificulta a integração do sujeito na sociedade. Ainda, segundo a autora, além das conotações de amor romântico e amor-paixão, considera outro ideal de amor, o amor sexual, que são os amores impulsivos, os amores eróticos que visam à satisfação dos desejos sexuais.

O amor líquido se manifesta na lógica das relações de consumo, em que outro é julgado pelo nível de prazer que oferece.

Ao citar as várias noções de amor na atualidade, sempre pensando nesses discursos no processo de luto referente à perda do cônjuge, seguiremos com conceitos do luto na abordagem psicanalítica.

4 Processo de luto e psicanálise

“Se quiseres poder suportar a vida,
fica pronto para aceitar a morte”.
Freud

Pretende-se, neste capítulo, apresentar conceitos sobre o luto, segundo a Psicanálise. Para tal, busca-se investigar quais seriam as características do sujeito enlutado devido à perda do seu objeto de amor. Dessa forma, faz-se necessária uma breve discussão do conceito de objeto para a psicanálise, uma vez que para ela o objeto refere-se a algo que possui investimento libidinal do sujeito, portanto, para pensar a perda do cônjuge, é necessário entender o conceito de objeto. Em um segundo momento, entraremos com a discussão sobre luto para essa disciplina na tentativa de pensar como é realizado esse processo na contemporaneidade. Tal percurso será preciso para a compreensão do processo do luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade.

4.1 Conceito de objeto para a psicanálise

Para entendermos como se dão as escolhas objetais é necessário, em primeiro lugar, fazermos um apanhado sobre a concepção de objeto na psicanálise. Coelho Junior (2001, p. 38)³ diz que: “a compreensão da concepção de objeto na teoria freudiana é elemento decisivo na definição da concepção de sujeito”.

Kaufmann (1996, p. 377) diz que “Freud conduziu a questão do objeto na psicanálise à de um objeto perdido em jogo na repetição [...]”. A esse respeito, Laplanche e Pontalis (2001) nos dizem:

A noção de objeto é encarada em psicanálise sob três aspectos principais: enquanto correlativo da pulsão; enquanto correlativo do amor (ou do ódio) e no sentido tradicional da filosofia e da psicologia do conhecimento, enquanto correlativo do sujeito que percebe e conhece. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 321).

Em nosso caso, buscamos entender o luto referente à perda do cônjuge, ou seja, interessa-nos sobremaneira a compreensão do luto referente à perda do objeto

³ <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>

de amor. Nesse sentido, entendemos que a perspectiva da noção de objeto como correlativo do amor (ou do ódio), pode ser favorável a nossa compreensão, visto que, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 321), “trata-se então da relação da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto visado também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.)”. Dessa forma, os autores se referem a que “o objeto é tomado num sentido comparável ao que lhe conferia a língua clássica (“objeto da minha paixão, do meu ressentimento, objeto amado”, etc.)”. Assim, a noção de objeto, uma vez que designa igualmente aquilo que para o sujeito é objeto de atração, de amor, ou seja, na generalidade dos casos uma pessoa.

Outra concepção importante de objeto é a de objetos de identificação. Segundo Coelho Junior (2001, p. 38)⁴, “[...] a concepção de “objetos de identificação” torna-se fundamental na constituição do sujeito, em particular através da noção de identificação primária”.

Nas trilhas da constituição subjetiva, Roudinesco (1998, p. 551) nos lembra a leitura lacaniana sobre o objeto *a*, que designa “o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável”. Em outras palavras, Roudinesco (1998, p. 552) diz que “a verdade do desejo permanece oculta para a consciência, porque seu objeto é uma falta-a-ser”, já que o ser humano é um ser faltoso. Laplanche e Pontalis (2001) discorrem que:

O termo “escolha” não deve ser tomado aqui – como também, na expressão “escolha da neurose” – num sentido intelectualista [...]. Evoca o que pode haver de irreversível e de determinante na eleição pelo sujeito, num momento decisivo da sua história, do seu tipo de objeto de amor (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 154).

Coelho Junior (2001, p. 44)⁵ diz com relação aos objetos pulsionais, que eles “tendem a ser objetos parciais” e “os objetos de atração e objetos de amor, são em geral, indivíduos que se articulam não apenas a relações pulsionais, mas sobretudo a relações do ego total com os objetos”. O autor assevera que, a partir dessa noção de objeto, é possível apreender “uma certa concepção de desenvolvimento psicosssexual sugerida por Freud, na passagem de objetos da pulsão – parciais e pré-genitais, para objetos totais – objetos de amor e genitais”. (p. 44). Ainda, nas palavras do autor, “na formulação teórica de Freud (2006, p. 40), “aquele que

⁴ <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>

⁵ *ibidem*

estabelece que o seio materno é o primeiro objeto sexual”, ou seja, o primeiro objeto será o modelo para as futuras relações objetais.

Nesse viés, Roudinesco (1998, p. 552) diz que “a verdade do desejo permanece oculta para a consciência, porque seu objeto é uma ‘falta-a-ser’”. Ainda segundo a autora, “em março de 1965, Lacan resumiria essa proposição num aforismo deslumbrante: ‘o amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer’”.

Essa ideia vem esclarecer que, quando falamos de objeto primordial, na realidade estamos nos referindo a uma satisfação experimentada nos primeiros anos de vida de todo ser humano e que está diretamente relacionada aos cuidados que recebemos de quem nos cuida. Nesse aspecto, gozamos uma sensação de amparo que nos sacia e nos torna completos. Porém, na medida em que o tempo passa e nos tornamos adultos, alçamos uma busca pelo que nos falta, já que reconhecemos que algo nos falta. Para explicar melhor a questão de objeto, falaremos um pouco sobre a relação de objeto. Segundo Laplanche e Pontalis (2001):

Expressão *relação de objeto* é usada com muita frequência na psicanálise contemporânea para designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística e de certos tipos privilegiados de defesa (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 443).

Roudinesco (1998, p. 553) diz que “é preciso partir da concepção freudiana da pulsão e seu objeto, aquilo através do que ela procura atingir seu alvo, “a saber, um certo tipo de satisfação”. Laplanche e Pontalis (2001, p. 322) articulam que “[...] o objeto é definido como meio contingente da satisfação: “É o elemento mais variável na pulsão, não está ligado a ela originariamente, mas só vem colocar-se aí em função da sua aptidão para permitir a satisfação.”

A partir desses conceitos de objeto e de relação de objeto, torna-se possível pensarmos sobre as escolhas objetais onde iniciaremos pelo tipo que Freud (1914) denominou como sendo a escolha de objeto do tipo anaclítico ou de ligação. Segundo ele:

Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua (FREUD, 1914/ 2006, p. 94).

Logo, entendemos que nossas escolhas objetais são feitas de maneira inconsciente, mas tendo como modelo nossa identificação com nossa mãe ou outra pessoa que a substitua no decorrer de nossos primeiros anos de vida, ou seja, buscamos a realização de um desejo e, para isso, partimos das marcas dos primeiros registros afetivos e representacionais existentes em nosso psiquismo. Segundo Coelho Junior (2001, p.40)⁶,

[...] as escolhas anaclíticas de objeto estariam se estabelecendo a partir do modelo de relação presente nos primeiros momentos de vida, em que a satisfação sexual se apoiaria sobre objetos responsáveis pela conservação da vida, ou seja, principalmente sobre o seio materno (COELHO JUNIOR, 2001, p. 40).

Embora o tipo anaclítico pareça ou talvez seja o ideal para tomarmos como modelo, mesmo sendo de uma forma inconsciente, para fazermos nossas escolhas de objeto de amor, Freud (1914) diz que a pesquisa da psicanálise revelou um segundo tipo de escolha de objeto:

Este tipo se dá especialmente em pessoas que cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas, seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetual que deve ser denominado 'narcisista' (FREUD, 1914/ 2006, p. 94).

O termo 'narcisista' denomina aquela pessoa que trata seu próprio corpo como o corpo de um objeto sexual e que obtém a completa satisfação contemplando, afagando e acariciando o próprio corpo. Logo, o narcisismo é um fenômeno libidinal. Segundo Roudinesco (1998, p. 530), o termo narcisismo foi "empregado pela primeira vez em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), para descrever uma forma de fetichismo que consiste em se tomar a própria pessoa como objeto sexual".

Embora o termo tenha surgido pela primeira vez em Freud em 1910, segundo a autora,

Foi em 1914, em "Sobre o narcisismo: uma introdução", que o termo adquiriu o valor de um conceito. Fenômeno libidinal, o narcisismo passou

⁶ <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>

então a ocupar um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano (ROUDINESCO, 1998, p. 531).

Porém, segundo Roudinesco (1998, p. 531), Freud observou um movimento de retirada de um investimento dos objetos externos por uma libido proveniente do eu. Assim, é adequado falarmos do narcisismo primário que, conforme Laplanche e Pontalis (2001, p. 290), “designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma” e “o narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais”. Nas palavras de Freud (1914):

[...] um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal (FREUD, 1914/2006, p. 95).

Assim, realizamos nossas escolhas objetais buscando de forma inconsciente o amparo e a segurança dos quais gozávamos no início de nossa existência. Mas é comum que, no movimento da escolha desse objeto, deparemo-nos com a diferença e, assim, a falta daquilo que se quer ter pode ocasionar uma nova busca.

É sabido que o ser humano vive em constante busca daquilo que nunca teve e nunca terá, o objeto primordial que se faz presente pela sua ausência. Ele é exatamente o vazio, a ilusão da completude que o *infans* tem ao nascer, no momento em que se alimenta do seio da mãe e crê ser completo. Trata-se do objeto “perdido” que, embora Freud refira-se a ele como “perdido”, o sujeito nunca o teve verdadeiramente.

Assim sendo, para entendermos como se dá o processo de luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade, falaremos a seguir sobre o processo de luto e sua elaboração, bem como sobre a melancolia entendida como um estado patológico do luto para chegarmos a questão da perda do objeto. Este trajeto se faz indispensável para a compreensão do processo do luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade, para que ao final sejamos capazes de localizar os possíveis destinos da libido do sujeito enlutado.

4.2 Luto, melancolia e a perda do objeto

O conceito de objeto, conforme vimos no item anterior, enquanto correlativo do amor (ou do ódio), é a relação da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto visado também como totalidade. Assim, enquanto seres faltosos, buscamos um objeto de amor depositando nele, a esperança da realização de nossos desejos, a suplência da falta do objeto primordial, a esperança de amparo e de amor incondicional. Muitas vezes, é a nós mesmos que buscamos naquele que elegemos como nosso objeto de amor e sentimo-nos completos, enquanto a relação está estável. Mas, quando a perda ocorre, por qualquer que seja o motivo, iniciamos um processo lento e doloroso até que o desapego sobrevenha. Esse processo é o luto.

Luto é um processo pelo qual passam todas as pessoas quando perdem o seu objeto de amor ou o seu ideal. Esse processo pode se desencadear devido à morte de um ente querido, divórcio, demissão do trabalho, saída dos filhos de casa, entre outros motivos; e todo ser humano está sujeito a essas experiências. Freud, em seu estudo sobre "*Luto e Melancolia*", destaca que: "o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante" (FREUD, 1917[1915]/ 2006, p. 249).

A pessoa enlutada apresenta um profundo desânimo, perda de interesse pelo mundo externo, inibição da atividade em geral e incapacidade de amar. O luto é um processo interno demorado que consome o próprio ego e não é possível estipularmos o tempo que cada pessoa levará para a elaboração, pois se trata de um processo individual. Cada pessoa enlutada deve ter seu tempo respeitado, já que o mundo do sujeito, durante o processo, torna-se frio, pobre e vazio e seria inútil ou até mesmo prejudicial ao sujeito interferir no seu processo. O trabalho de luto somente terá fim quando a libido do sujeito for libertada do objeto de amor perdido.

Segundo Coelho Junior (2001, p. 43)⁷, "a tensão caracterizada pela ausência do objeto externo, acompanhado da presença psíquica do objeto é fonte de grande sofrimento". O autor diz que,

A simultaneidade entre presença e ausência, a impossibilidade de uma parcela do psiquismo em reconhecer a perda do objeto, insistindo em sua presença psíquica, evidencia a complexidade da noção de objeto em uma teoria que procura justamente ultrapassar os limites da objetividade (COELHO JUNIOR, 2001, p. 43)⁸.

⁷ <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>

⁸ ibidem

Mas, quando o trabalho de elaboração do luto não é efetivado com sucesso, o sujeito pode vir a sofrer os efeitos da melancolia, que é um estado patológico do luto e ocorre nas psicoses (neuroses narcísicas que Freud menciona).

A melancolia, além de apresentar os sintomas característicos do luto, apresenta outras particularidades com características exclusivas, sendo a diminuição da autoestima acompanhada de intensas autoacusações, podendo culminar até mesmo numa expectativa delirante de punição, ou seja, há um empobrecimento do próprio ego. Além disso, o objeto perdido do melancólico é mais idealizado que o do luto, sendo que, na melancolia, estamos lidando com uma perda de objeto que pode ser inconsciente, enquanto no luto essa perda é totalmente consciente. Freud (1917[1915]) dizia sobre o luto profundo. Segundo ele,

[...] a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém - a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significa substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (FREUD, 1917[1915]/ 2006, p. 250).

Quando a perda ocorre, a dor da falta sufoca aquele que perde e, para esse, é como se tivesse perdido partes de si. Levy e Gomes (2011, p. 3)⁹ enfatizam que “ao estabelecer uma relação, o indivíduo com uma fragilidade narcísica percebe o parceiro como indispensável ao seu equilíbrio”. Em se tratando desse tipo de relação, as pessoas tendem a depositar no outro a responsabilidade por sua felicidade e realizações.

Até agora, falamos um pouco da melancolia e do luto visto como normal. Segundo Freud (1917[1915]/ 2006, p. 251), “[...] o luto normal supera a perda do objeto, e também, enquanto persiste, absorve todas as energias do ego”. Segundo ele, “no luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido.”

Diante da perda, é possível sentir dores físicas causadas pelo desconforto e sentimentos de culpa e tristeza. Esses sentimentos causam na pessoa enlutada sofrimento pelos sonhos interrompidos, pelas lembranças dos bons momentos, pelo que deixou de fazer em prol da relação e, neste momento, sentimentos de ódio e

⁹ http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&nrm=iso

raiva podem aparecer, ofuscando ou até mesmo contendo todo amor sentido pelo objeto perdido. Freud (1917[1915]) vem dizer que,

Do mesmo modo que o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo de continuar a viver, assim também cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o (FREUD, 1917[1915]/ 2006, p. 262).

Quando o objeto perdido se torna desprezível e dispensável aos olhos do que perdeu, fica mais fácil a elaboração do luto e a desinibição do ego.

As pessoas, enquanto estão amando e sendo amadas, projetam no outro seus desejos e, correspondidas, sentem-se completas. De repente, perdem o seu cônjuge, o seu amor... Ficam sem saber o que fazer com o seu sentimento e com o seu desejo.

Freud (1917[1915]/ 2006, p. 251) explica que “no luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho de luto no qual o ego é absorvido.”

Algumas pessoas logo se desprendem do objeto de amor perdido e retomam suas vidas, caminhando em direção à busca de um novo amor ou mesmo simplesmente retomam o prazer de viver. Já outras pessoas perdem por completo o interesse pela vida, têm a autoestima diminuída e passam a viver uma vida restrita, sem grandes aspirações. Freud (1930[1929]/ 2006, p. 84) nos adverte que “ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’”. Isso quer dizer que a felicidade não depende do outro, ou melhor, não necessariamente. Uma pessoa pode ser extremamente feliz estando a sós consigo mesma, sem a dependência do amor de outrem. Em outras palavras, o autor quer nos dizer que a felicidade não existe. Há apenas episódios de satisfação. Em se tratando de relações amorosas, as pessoas tendem a depositar no outro a responsabilidade por sua felicidade e realizações.

No entanto, percebemos que o amor de homem e mulher atualmente possui uma configuração narcisista. Cada um exige cada vez mais do outro e, em contrapartida, cada um oferece cada vez menos de si. É importante destacarmos que estamos vivendo a era do consumo, em que tudo é descartável, inclusive as pessoas e as relações.

Buscaremos, a partir dessas considerações acerca do luto e sua forma patológica, a melancolia, pensar os possíveis destinos da libido a partir da perda do objeto. Considerando que os fenômenos psíquicos sofrem a incidência dos aspectos sociais, tais considerações são importantes para que possamos compreender a tendência desse processo na atualidade.

4.3 Possíveis destinos do luto

Diante dos estudos realizados para a conclusão deste trabalho, percebe-se que há muito ainda a descobrir sobre o processo de luto e os possíveis destinos da libido. A teoria freudiana mostra que o destino possível seria a elaboração do trabalho de luto, quando a libido seria recuperada e voltaria o interesse pela vida, ou o fracasso dessa elaboração e o declínio para a melancolia. Conclui-se, assim, que a psicanálise absorveu dois destinos: a elaboração efetiva, ou seja, bem-sucedida, ou a melancolia.

O luto bem-sucedido refere-se ao luto que é superado pelo tempo, com aceitação do fato, sem o uso de medicamentos não levando a um quadro melancólico. Segundo Mendlowicz (2000, p. 2)¹⁰, em qualquer processo de perda, o primeiro movimento é o de introjeção do objeto amado perdido, mecanismo que empresta vida ao objeto, vitaliza o amor que se foi. Entende-se pela literatura que essa introjeção é rápida nos processos de luto “normal”, quando o aparelho psíquico se adapta à realidade.

Nos processos de luto mal-sucedidos, essa introjeção acontece a longo prazo mesmo não levando a um estado melancólico, somente respeitando o tempo individual do sujeito. Um dos grandes desafios ao equilíbrio do aparelho psíquico é o processo de luto e dependendo da maneira como aconteceu a perda, sendo por separação e/ou morte súbitas, violentas ou precoces, ocorre grande possibilidade de acontecer um declínio desse processo à melancolia e assim tornar-se patológico.

No luto bem elaborado acontece o desinvestimento e um novo investimento da libido e, ao contrário, na melancolia o investimento da libido continua dificultando ou até mesmo impossibilitando que essa energia possa ser reapropriada ao ego.

¹⁰ <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-1482000000200005>

Na modernidade, conforme vimos no primeiro capítulo, o sujeito era visto como um ser capaz de fazer uso da razão, um ser racional, portador de uma identidade fixa que, com a máxima valorização da razão, deixou um estado de ignorância, como por exemplo, das amarras promovidas pelas crenças e religião da época medieval. A modernidade contemplava uma busca pela segurança, mesmo que para isso viesse trazendo um sacrifício da liberdade individual, enquanto que, na pós-modernidade, o que reina é a liberdade individual.

Dessa forma, sensato se faz dizermos que, na modernidade, o sujeito era capaz de se manter ligado de forma libidinal ao objeto perdido para se sentir seguro e não sozinho. Conjecturamos que tal ligação, no caso da viuvez, por exemplo, o cônjuge deixava de desposar-se novamente e, por vezes, o ente perdido permanecia presente de modo simbólico, no espaço familiar.

Por outro lado, o sujeito contemporâneo, ansiando pela sua liberdade, característica essa, de sua época, ainda que sofra com a perda de seu objeto de amor, por vezes não consegue suportar um processo como o do luto, que exige tempo para sua elaboração. Entendemos que, por vezes, esses sujeitos, na impossibilidade da espera e tolerância que o processo de luto exige, buscam saídas rápidas para amenizar o sofrimento. Um processo natural como o do luto, nos dias atuais, passa a ser patologizado, ou seja, as pessoas buscam especialistas para se livrar da dor. E o que pode agravar ainda mais essa situação é que muitos profissionais são coniventes com tal tendência e prescrevem psicofármacos para o sujeito atravessar, de maneira anestesiada, um momento natural da vida: a morte – seja ela física ou simbólica.

5 Considerações finais

Ao iniciarmos este trabalho, nosso objetivo era investigar e discorrer, a partir do olhar da psicanálise, sobre o processo de luto do sujeito que perde o seu objeto de amor na contemporaneidade e os possíveis destinos da libido na finalização desse processo. Portanto, o trabalho concluído procurou apresentar um estudo mais aprofundado sobre o tema, utilizando-se de levantamento bibliográfico a partir de bancos de dados científicos na internet, revistas científicas e livros, que abordam o luto e os possíveis destinos da libido no processo de perda do cônjuge na contemporaneidade, bem como suas possíveis patologias, sob a visão da Psicanálise.

Esse assunto não era tratado com relevância na antiguidade, mas seu aprofundamento é de grande valia uma vez que, o estilo de vida assumido durante o processo de luto referente à perda do cônjuge e após a sua elaboração, parece estar diretamente relacionado aos destinos que o sujeito dá a libido e, cada dia mais, tal sofrimento surge com intensidade nos consultórios médicos e psicológicos na atualidade.

Para isso, fez-se necessário pensarmos nos capítulos anteriores, a respeito dos processos de luto e as mudanças culturais vividas de maneira intensa pela sociedade. Também foi necessário refletirmos sobre os discursos do amor e sobre o amor romântico, além de discorrermos sobre luto, objeto e as escolhas objetais. A partir desse trabalho, foi possível percebermos que o processo de luto decorrente da perda amorosa, seja por qual viés ela ocorra, é um processo lento e individual, podendo o sujeito enlutado passar anos de sua vida mergulhado nesse processo até a sua efetiva elaboração ou não atravessá-lo, ou seja, pela dificuldade atual de tolerar processos lentos, repetem em ato, conforme Freud (1914) nos ensina, aquilo que não conseguem elaborar.

Nos dias de hoje, cujas características pudemos explorar no capítulo sobre a pós-modernidade, processos lentos, como o do luto, tornam-se insuportáveis. A necessidade que tem o sujeito pós-moderno de que tudo seja rápido e sua busca desenfreada pelo prazer imediato o leva a buscar nos consultórios médicos o alívio de seu sofrimento, o que se torna possível com a utilização de medicamentos.

O problema dessa tendência a medicalizar o sofrimento é que, por vezes, o uso do fármaco pode interromper o processo de luto e a perda pode ser vivida pelo

sujeito de modo “anestesiado”. Sem a elaboração, como nos lembra Freud (1914), o sujeito atua, ou seja repete aquilo que não foi possível elaborar. Em nosso caso específico, percebemos a rotatividade presente entre os pares amorosos.

Assim, o luto não elaborado se manifesta em repetição nas ações do sujeito, ou seja, as relações iniciadas pelo sujeito pós-moderno têm as características do fugidio, transitório, efêmero, fragmentário e descontínuo. Todas essas características estão dizendo não necessariamente da rapidez dos acontecimentos, mas da banalização dos laços que pode ser o efeito de um modo de vida presente na pós-modernidade, em especial nos eventos que envolvam o processo de luto. Em outras palavras, queremos dizer que as características da cultura contemporânea podem corroborar para que o sujeito a abdique do processo de luto e o sujeito volta-se para outro objeto sem uma elaboração da perda anterior, o que pode ter como efeito laços extremamente frágeis e inconstantes, que podem ser facilmente desfeitos diante da menor insatisfação.

Finalmente, considerando todas as informações apresentadas neste trabalho, podemos concluir ao final dessa pesquisa que, por mais doloroso que seja o processo de luto referente à perda do cônjuge na contemporaneidade, independente de por qual viés a perda ocorra, na era da tecnologia e do consumo, os destinos da libido podem ir à direção de objetos volúveis e descartáveis.

Referências

BAUMAN, Zygmunt: **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHAVES, Jacqueline. **Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia, 2004. 212 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CHAVES, Jacqueline. Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque. **Revista Análise Social**, v.41, 2006.

CHEVITARESE, L. As 'Razões' da Pós-modernidade. *In: Analógos*. Anais da I SAF-PUC. RJ: Booklink., 2001.

COELHO JR., Nelson Ernesto. A noção de objeto na psicanálise freudiana. *In: Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 4 n. 2, jul/dez. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

DA ROSA, Rudinei. **TANATOLOGIA: uma interpretação**.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917[1915]). *In: FREUD, S. Ed Standard Brasileira.das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização (1930[1929]). *In: FREUD, S. Ed Standard Brasileira.das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.

FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). *In: FREUD, S. Ed Standard Brasileira.das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.14.

FREUD, S.. Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II) (1914). *In: FREUD, S. Ed Standard Brasileira.das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.12.

GIDDENS, Anthony. **A transformação intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2011.

KAUFMANN, Pierre (Ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 785p.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552p.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempopsicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

MELLO, Jansy Berndt de Souza. Amor, luto e psicanálise. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 34, n. 52, ago.2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 nov. 2013.

MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. **Àgora**, Rio de Janeiro, v.3, n.2. 2000, p. 87-96. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-1482000000200005>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

RANGEL, Alda Patrícia Fernandes. **Amor infinito**: histórias de pais que perderam seus filhos. São Paulo: Vetor, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VIEIRA, Érico Douglas. **Os nós do eu com o nós: individualismo e conjugalidade na pós-modernidade**. Belo Horizonte, 2009. 107p.